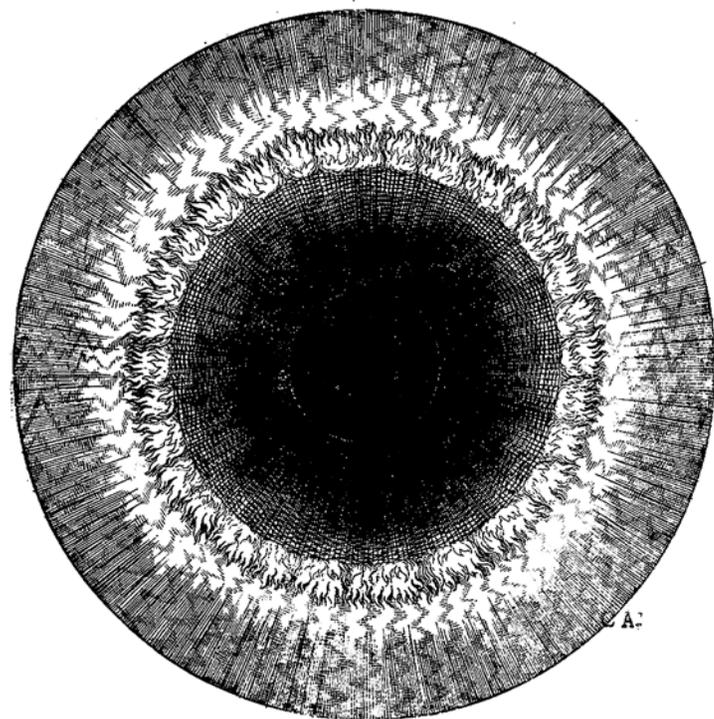


## Psicanálise e religião



Hoje, o tema “psicanálise e religião” é de grande atualidade. Basta constatar, por exemplo, no Brasil, a necessidade que se impôs aos psicanalistas de diferentes grupos –pertencentes à Associação Psicanalítica Internacional (IPA, por suas siglas em inglês) e também aos não filiados à IPA – de organizar uma reflexão e ação políticas para enfrentar projetos de lei propostos por políticos da chamada bancada evangélica, que pretendem regulamentar pelo

Estado a profissão de psicanalista. Isso para favorecer formações de psicanalistas que são realizadas pelas igrejas evangélicas.

Freud, em vários momentos de sua obra, refletiu sobre o tema da religião e da religiosidade. A partir de sua experiência clínica e de sua teorização, com a metapsicologia, ele construiu – no sentido de *Construções em análise* (1937) – uma *história da evolução da cultura humana*, que constitui o que chamou de

herança filogenética. Em *Totem e tabu* (Freud, 1912-1913/2012), nos mostra como o homem atribui características humanas às forças da natureza, fazendo delas deuses, segundo um modelo infantil e arcaico. Em 1927, Freud – com *L'avenir d'une illusion* (1927/1994) – se debruça sobre o sentido psicológico profundo da “religião do homem comum”. A leitura desse texto fundamental nos coloca diante de uma concepção extremamente complexa, sutil e atual das relações entre ciência e religião, assim como entre psicanálise e religião. Nessa obra, Freud fala do “tesouro de representações” criado pelas tradições religiosas. Esse tesouro psíquico nasceria da necessidade de “tornar suportável o desamparo humano, [por meio de representações que são] edificadas a partir das lembranças do desamparo da própria infância e do gênero humano” (p. 159). Em *Mal-estar na civilização* (Freud, 1930/2010), como iluminista com sua crença na ciência, ele faz uma severa crítica à religião chamando-a de “delírio de massa da humanidade” (p. 38). Esse sentido delirante das ideias religiosas ocorreria quando concomitantemente há formações de massa. Adentramos, então, no terreno dos fundamentalismos religiosos e dos projetos de poder teocráticos. No final de sua vida, deixa como legado seu magnífico texto sobre a questão do monoteísmo *Moisés e o monoteísmo: Três ensaios* (Freud, 1939 [1934-1938]/2018).

Com o desenvolvimento da noção de um núcleo paterno que estaria por detrás de toda concepção de Deus, Freud aprimora sua reflexão. Podemos supor que há, para ele, um deslocamento na história da evolução das religiões passando-se de uma religiosidade materna arcaica, para uma religiosidade na qual o núcleo paterno passa a ser central.

Como podemos pensar atualmente a questão da religião, considerando a decadência das religiões ao lado da proliferação dos fanatismos religiosos com suas guerras santas? Hoje, a economia capitalista de mercado, o excesso de consumo, a tecnologia, o anonimato urba-

no e o desenraizamento generalizado com o declínio da crença nas autoridades públicas e religiosas, tudo isso deixa os indivíduos confusos, sem referenciais estáveis que lhes permitiriam encontrar respostas para suas questões. Como reinventar então novas inscrições dotadas de valor humano? Como dar valor à experiência espiritual dos indivíduos, sem cair nas interdições do pensar praticadas pelas diferentes instituições religiosas? É possível a construção de uma cosmogonia contemporânea que leve em conta todas as últimas descobertas da ciência?

Em seu texto de 1927, Freud coloca a atitude científica diante do mundo como a única possibilidade de encararmos nosso desamparo. Em uma carta para Marie Bonaparte ele deixa clara sua visão crítica do trabalho dos homens de ciência: “Os espíritos medíocres exigem da ciência um tipo de certeza que ela não pode dar, uma espécie de satisfação religiosa” (Souza, 1998, p. 55).

A apreensão de Freud torna-se atual se considerarmos a dimensão religiosa que a ciência e a tecnologia vêm tomando nas últimas décadas em nossa civilização. Num artigo intitulado *Fé e razão*, Terry Eagleton (2010), importante crítico literário britânico, faz uma análise aprofundada da relação entre ciência e fé por meio de uma leitura crítica de dois autores neo-atéistas muito em voga atualmente: Richard Dawkins – zoólogo evolucionista radicado nos Estados Unidos da América e autor de *Deus: Um delírio* – e Christofer Hitchens – jornalista e polemista inglês, com coluna quinzenal na revista *Época*. O crítico britânico mostra a relação complexa entre conhecimento e crença. “Uma crença, por exemplo, pode ser racional”, diz Eagleton (2010, p. 109). Ele cita Slavoj Žižek – *In defense of lost cause* (2008) – que defende a ideia de que os fundamentalismos confundem fé e conhecimento.

O fundamentalista é como aquele neurótico que não consegue acreditar que é amado, mas com espírito pueril pede alguma prova irrefutável do fato. Ele não é de fato um crente. Os funda-

\* Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.

mentalistas não têm fé. Eles são, na verdade, a imagem especular dos céticos. Num mundo de extrema incerteza, somente verdades incontrovertidas absolutamente seguras promulgadas pelo próprio Deus podem ser confiáveis. (p. 110)

A ideia de fé atrai a reflexão dos psicanalistas por articular a noção de um compromisso amoroso, antes de uma descrição de como as coisas são e funcionam. Seria preciso acreditar para compreender? Podemos afirmar que todo o raciocínio é conduzido por alguma espécie de fé? Para a ortodoxia cristã, como mostra Eagleton, a fé é o que torna possível o verdadeiro conhecimento. O crítico inglês aproxima essa ideia da noção de Lênin, segundo a qual “a teoria revolucionária só pode se tornar completa se tiver como base um movimento revolucionário de massa” (p. 115). Dessa maneira, “o conhecimento é colhido mediante o engajamento ativo, e o engajamento ativo implica fé” (p. 115).

Finalmente, para trazermos ao campo da clínica e da teoria psicanalíticas, lembramos que a entrada na transferência se estabelece por um ato de fé: é somente por ter fé no analista que corremos o risco de nos revelarmos plenamente a ele. O conhecimento que uma análise pode proporcionar ao analisando e ao analista se relaciona com o amor e a fé no analista e na análise.

## Referências

- Eagleton, T. (2010). Fé e razão. *Serrote*, 4, 106-128.
- Freud, S. (1994). L'avenir d'une illusion. Em S. Freud. *Oeuvres complètes* (vol. 18). Paris: PUF. (Trabalho original publicado em 1927).
- Freud, S. (2010). O mal-estar na civilização. Em P. S. de Souza (trad.), *Obras completas* (vol. 18). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1930).
- Freud, S. (2012). Totem e tabu. Em P. S. de Souza (trad.), *Obras completas* (vol. 11, pp. 13-244). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1912-1913).
- Freud, S. (2018). Moisés e o monoteísmo: Três ensaios. Em P. S. de Souza (trad.), *Obras completas* (vol. 19, pp. 13-188). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1939 [1934-1938]).
- Souza, P. C. (1998). *As palavras de Freud*. São Paulo: Ática.
- Žižek, S. (2008). *In defense of lost cause*. Londres: Verso.

Cristiane Blaha\*

## O silêncio dos (não) inocentes: Psicanálise, religião, mística e... uma perigosa confusão

*Após ter feito da sexualidade nosso Logos e nosso Deus, e do Falo paterno a garantia de identidade, a psicanálise nos convida hoje a recarregar nossas ambições de liberdade em regiões mais móveis, mais arcaicas e não menos ricas em potencialidades: lá, onde o Um (a identidade) não chega a ser; ou então não se contenta em ser somente Um.*

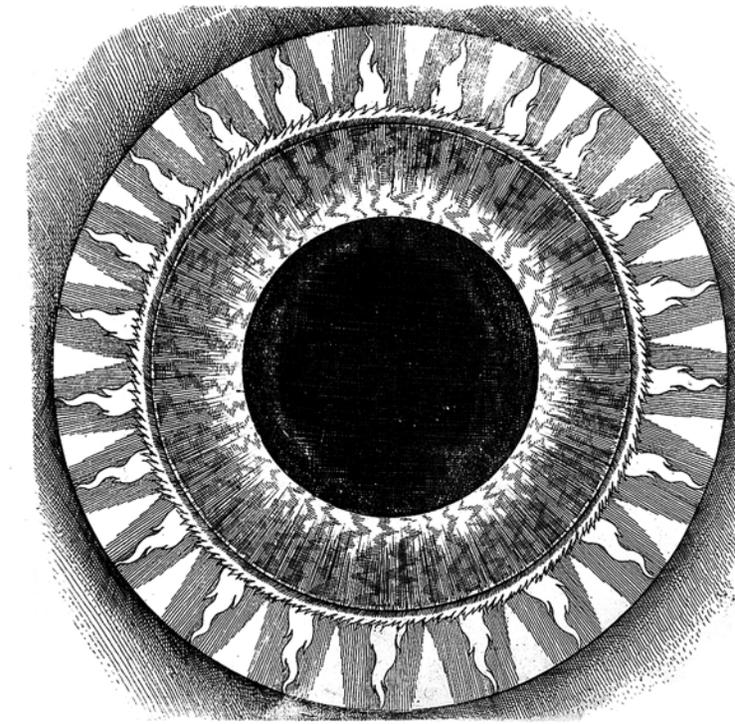
Julia Kristeva

Lou Andreas-Salomé escreveu a Freud – 4 de janeiro de 1930 – (Freud e Andreas-Salomé, 1966 [1912-1936]/1975):

Li o seu *Mal-estar na civilização...* e como no caso do *Futuro de uma ilusão*, surpreendeu-me o fato de que, apesar desse assentimento, a minha – como dizer – atitude frente às questões religiosas permaneça diferente da sua, pelo menos na medida em que o senhor acha difícil

perdoar ao “homem comum” sua religião, enquanto que para mim isso continua a ser um assunto de grande interesse em todas as suas várias formas.

No trabalho de 1927, *O futuro de uma ilusão* (Freud, 1927/2014), Freud formulou a tese de que as ideias religiosas seriam ilusões, criadas pelo homem como expressão de seu desejo de fazer frente ao desamparo, às forças da natureza e, principalmente, ao enigma da morte. Homem do Iluminismo, Freud preocupava-se em dar à psicanálise o estatuto de ciência, afastando-a de qualquer uso religioso, além de acreditar que, num futuro próximo, a ciência teria a maioria das respostas para as aflições humanas, e que muito em breve a religião seria coisa do passado, portanto, sem futuro.



\* Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro.